

UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Rodrigo da Silva Almeida ¹

INTRODUÇÃO

Apresento uma leitura psicanalítica sobre a atual medicalização da educação, através de uma revisão de literatura em Psicanálise. Dando visibilidade à alteridade concernente aos campos da Psicanálise e da Educação, tomarei como ponto de partida o impossível de educar teorizado por Freud para, a partir disso, fazer uma articulação do real que não cessa de não se inscrever - teorizado por Lacan - presente nas escolas com as nomeações do discurso científico. Assim, o impasse decorrente da entrada dos discursos médico, psicológico e capitalista no campo da educação - na medida em que corrobora, dentre outras coisas, para o processo de medicalização do ato educativo – e o que pode a Psicanálise Lacaniana diante disso, foi o que deu contornos para a pesquisa aqui proposta.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura em Psicanálise, que segundo Zanotti e Miura (2020) “[...] organiza, esclarece e resume as principais obras e pesquisas referentes a um determinado tema, fornecendo um panorama histórico para a melhor compreensão do fenômeno a ser estudado [...]” (p. 59). Foram utilizadas as bases de dados *Scielo* e o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Ministério da Educação (CAPES/MEC), utilizando as combinações: “*Medicalização AND Educação*” e “*Medicalização e Psicanálise*”.

Também foram seguidas as recomendações de Bastos (2009): 1) *leitura exploratória* dos títulos e resumos das publicações; 2) *leitura seletiva*: selecionando aquelas que foram mais pertinentes ao estudo; 3) *leitura analítica*: leitura mais cuidadosa para a seleção definitiva de quais textos seriam utilizados; e 4) *leitura interpretativa*: os textos selecionados definitivamente – que no total foram 10 - foram lidos tendo como base a perspectiva da Psicanálise Lacaniana e direcionada pelos objetivos desta pesquisa.

¹ Doutorando do curso de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe/UFS; rodrigoalmeidapsi@gmail.com

REFERENCIAL TEÓRICO

Sob a perspectiva da Psicanálise Lacaniana, a medicalização pode ser compreendida como “[...] a transformação de problemas sociais e morais em problemas médicos” (HENRIQUES, 2015, p. 59). Já a medicalização da educação, segundo Garbarino (2020) é o “[...] reducionismo causal da biologização dos impasses escolares impregna o ato educativo contemporâneo” (p. 135). Além disso, a medicalização inclui tanto os comportamentos desviantes classificados como patológicos, quanto as ações relacionadas aos ideais de bem-estar e qualidade de vida. Consequentemente “[...] com base em explicações naturalizantes e biologizantes da vida social e dos relacionamentos, o paradigma biomédico acaba impondo as respostas acerca de como lidar com aqueles que se desviam do modelo de homem médio, saudável e estatisticamente instituído” (GARBARINO, 2020, p. 137).

Diante disso Borges (2021) argumenta que o atual discurso de medicalização presente no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5 -, tem assumido o lugar de ordenar e nomear os distintos modos de sofrimento psíquico e de estruturação subjetiva dos diferentes atores da escola, especialmente os estudantes, na medida em que está ancorado na estatística para propor os diferentes quadros psicopatológicos, fazendo com que seja produzida uma generalização dos fenômenos comportamentais numa tentativa de: “[...] homogeneização e nomeação da experiência escolar” (BORGES, 2021, p. 79). A seguir, apresentarei uma leitura psicanalítica da medicalização da educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura psicanalítica da medicalização da educação aqui proposta toma como ponto de partida a proposição de Gonçalves (2022) de que a atual medicalização tem contribuído para que os educadores passem a associar o diagnóstico recebido pelos estudantes a um modo de ser, fazendo com que os rótulos psicopatológicos sejam utilizados de modo identificatório, como por exemplo: o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade - TDAH, autista, disléxico, etc. Em outras palavras, tem havido o que a autora chama de “colamento” do sujeito a uma sigla nosográfica, sendo assumida por ele como um traço identificatório, passando a se apresentar a partir desse lugar.

Já Salvador e Cordeiro (2020) ressaltam ser importante dar visibilidade às engrenagens discursivas que sustentam a medicalização, sendo uma delas a biopolítica, que consiste numa atualização do método clínico e que busca controlar tanto os corpos como a

população em geral. Gomes (2019) corrobora dizendo que a medicalização é uma estratégia biopolítica que toma os processos biológicos com o intuito de controlar os seres humanos, exercendo um poder disciplinador sobre a saúde da população. Foucault (2008) ao discorrer sobre o nascimento da biopolítica chamou a atenção para os aspectos políticos e ideológicos presentes nesta forma de gerenciamento do mal-estar humano, pois, ao fazer a proposição da ideia de higiene pública e norma social, a biopolítica tem como plano de fundo um controle sobre a vida.

Outra engrenagem discursiva é o neoliberalismo. Segundo Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021) a sociedade contemporânea tem se caracterizado pelo imperativo de que o sofrimento psíquico precisa ser combatido a todo custo, no intuito de atender ao imperativo do discurso neoliberal: manter os indivíduos funcionais e respondentes a esse sistema. Ou seja, trata-se de um mal-estar que é produzido e induzido, pois o neoliberalismo não é apenas um modelo socioeconômico, mas também um modo de gerenciamento do sofrimento, tendo se imposto na atualidade como um reflexo da natureza disciplinar de seu discurso.

Salvador e Cordeiro (2020) acrescentam que uma das principais formas de sustentar esse imperativo neoliberal é a medicalização. O sujeito é medicado para atender aos ideais de produtividade: não se cansar, não adoecer, produzir mais em menos tempo, manter o foco, etc. O corpo, reduzido aos seus aspectos anatomofisiológicos, é alvo de intervenções químicas a fim de dar conta do mal-estar inerente à vida. Os medicamentos são utilizados para regulamentar as características de um sujeito, por meio de uma homogeneização e generalização de modos de subjetivação eleitos como normais.

Também é importante ressaltar que o discurso da medicalização trata o sofrimento psíquico e a falta estrutural do sujeito como algo técnico, em que se busca eliminar o mal-estar visando atingir o ideal de um sujeito feliz. Isso porque a felicidade, que antes era algo que os sujeitos aspiravam, hoje é um imperativo: diante de tantos produtos oferecidos pelo que Lacan (1969-1970/1992) nomeou como “[...] discurso do capitalista, em sua curiosa copulação com a ciência” (p. 115), como alguém ousa não ser feliz? Uma das formas de se assegurar essa felicidade completa é recorrendo aos medicamentos, tendo em vista que, tal como afirmam Salvador e Cordeiro (2020) “[...] a visão psiquiátrica, assim como a biológica, é que o sofrimento tem causa química. Os indivíduos, então, buscam a “conquista” de um diagnóstico psiquiátrico para que seu sofrimento seja reduzido” (p. 7).

Já Henriques (2015) aponta para a presença de políticas de cumplicidade entre a psicopatologia e a medicalização. No caso da medicalização da educação, o que se observa é que é que a escola se tornou o *locus* em que a psicopatologia contemporânea, por meio dos

manuais diagnósticos tem se imposto com pretensões hegemônicas, sustentada em padronizações estatísticas normativas, corroborando para uma patologização da existência e medicalização do ato educativo.

Borges (2021) ao realizar uma leitura psicanalítica sobre diagnósticos na escolarização destaca que as principais categorias diagnósticas presentes nas escolas, especialmente no que se refere aos adolescentes, são: Transtorno Desafiador de Oposição (TOD), Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Ansiedade e Depressão, incluindo outros fenômenos, como: *bullying*, automutilação e suicídio. Vale destacar que, quando o assunto é infância, são incluídos outros rótulos, como: Transtorno do Espectro Autista (TEA), os Transtornos de Aprendizagem, etc.

A autora ainda chama a atenção para a presença do discurso do capitalista e seus efeitos na educação, tendo como uma de suas principais consequências o apagamento da singularidade do sintoma. O particular é substituído pela homogeneização resultante de discursos médicos e psicológicos que têm se apresentado de forma hegemônica, a partir de modelos de ciência universais e eurocêntricos impostos de forma abissal, cuja principal justificativa é serem “baseados em evidências” (BORGES, 2021).

Lacan (1966/2001), ao discutir o lugar da Psicanálise na medicina, acusou a presença do que ele nomeou de falha epistemo-somática no saber da medicina sobre o corpo, argumentando que, apesar de todos os avanços tecno-científicos, as vicissitudes envolvendo o corpo permaneciam, apontando para a presença de um real que não cessa de não se inscrever. Também é válido ressaltar que Freud (1930/2018) já havia teorizado sobre um mal-estar estrutural à existência humana, que só pode ser contornado; um real que convoca o sujeito a inventar modos singulares de bordejar isso que não cessa de não se inscrever, tendo em vista que: “[...] Nunca dominaremos completamente a natureza, e nosso corpo, ele mesmo parte dessa natureza, será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho” (FREUD, 1930/2018, p. 43).

Freud (1912/2010) também havia advertido os psicanalistas sobre o cuidado com os ideais de cura da época, utilizando a expressão *furor sanandi*. Para Rosa (2020) esse *furor sanandi* se presentifica nos dias atuais por meio das engrenagens discursivas do discurso universitário e discurso capitalista, especialmente em sua vertente neoliberal. Consequentemente, sob a perspectiva da Psicanálise Lacaniana, diante de uma sociedade normatizadora, a ideia de um completo bem-estar ou felicidade plena não se sustenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa foi possível observar a presença de uma política de cumplicidade entre psicopatologia e medicalização, podendo ser entendida, sob a perspectiva da Psicanálise Lacaniana, como um reflexo do mal-estar na cultura, do *furor sanandi* e do impossível de educar teorizados por Freud e também da falha epistemo-somática no saber da medicina sobre o corpo e do real inominável, propostos por Lacan, pois as nomeações nosográficas atuam como semblantes, diante da impossibilidade de recobrir o vazio do real que não cessa de não se inscrever do ato educativo. Dessa forma, diante desse contexto medicalizador presente nas escolas, a Psicanálise permanece apostando em uma clínica da singularidade, cujo referencial é o próprio sujeito, as intensidades pulsionais, a incidência da linguagem no corpo e o seu modo particular de se haver com o seu sintoma (HENRIQUES, 2015), tendo em vista que “O psicanalista certamente dirige o tratamento. [...] não deve de modo algum dirigir o paciente” (LACAN, 1958/1998, p. 592).

Palavras-chave: Medicalização da Educação; Psicanálise Lacaniana; Sofrimento Psíquico; Neoliberalismo; Psicanálise e Educação.

REFERÊNCIAS

BASTOS, R. L. **Psicanálise e pesquisas: Ciência? Arte? Contraciência?**. 2ª ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BORGES, L. A. **Diagnósticos na escolarização: uma leitura psicanalítica de discursos sobre os adolescentes**. 2021, 91f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: https://ip.ufal.br/pt-br/pos-graduacao/mestrado-em-psicologia/documentos/dissertacoes/2021/layla_dissertao_layla_de_albuquerque_borges_verso_final__2021.pdf. Acesso em 23 Ago. 2022.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, S. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912). In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia, relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 147-162. Obras Completas, v. 10.

FREUD, S. O Mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. **O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-123. Obras Completas, v. 18.

FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). *In*: FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 274-326. Obras Completas, v. 19.

GARBARINO, M. I. Mercado-ciência e infância: a psicanálise no debate sobre medicalização e ato educativo. **Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 25, n. 1, Abr. 2020, p. 135-150. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v25n1/a11v25n1.pdf>. Acesso em 20 Out. 2022.

GOMES, B. C. S. **A medicalização a partir da autolesão**. 2019, 89f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/5262/2/2019%20Beatriz%20Corr%C3%AAa%20da%20S.%20Gomes.pdf>. Acesso em 19 Out. 2022.

GONÇALVES, G. A. **O corpo na clínica psicanalítica: teoria e prática**. São Paulo: Juruá Editora, 2022.

HENRIQUES, R. P. Psicopatologia e medicalização: políticas da cumplicidade. *In*: COELHO, D. M.; CUNHA, E. L. (Orgs.). **Saber & violência**. Editora da Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2015, p. 57-67.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 591-652.

LACAN, J. O lugar da psicanálise na medicina (1966). **Opção Lacaniana**. São Paulo, n. 32. Disponível em: https://www.academia.edu/3438/Lacan_o_lugar_da_psicanalise_na_medicina. Acesso em 15 Set. 2022.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

ROSA, M. Psicanálise e psicopatologia lacaniana ou “cada um tem seu grão de loucura”. *In*: CAPANEMA, C. *et al.* (Orgs.). **Psicanálise e psicopatologia lacanianas: impasses e soluções**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 11-12.

SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. Introdução. *In*: SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. I. L. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 5-7.

SALVADOR, I. N.; CORDEIRO, S. N. A medicalização no referencial psicanalítico: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Subjetividades**. Fortaleza, v. 20, n. 2, Nov. 2020, p. 1-13. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e9572/pdf>. Acesso em 03 Set. 2022.

ZANOTTI, S. V.; MIURA, P. O. Revisão da literatura: os exemplos de Freud e Lacan. *In*: QUEIROZ, E. F. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em psicanálise**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, p. 55-74.